

Núcleos Espíritas Populares

Uma proposta de renovação

Espíritas à Esquerda¹

Prólogo

As bacantes mostram mesmo a origem da tragédia grega, que veio de uma poesia lírica celebrada nos festejos dedicados a Baco, o deus do vinho. Só muito mais tarde assumiria a forma teatral com Eurípedes, Ésquilo e Sófocles.
Assis Brasil, prefaciando *As bacantes*, de Eurípedes.

Esse discurso pretende apresentar uma proposta de renovação do movimento espírita e, mesmo que diminuta, da sociedade em que ele se insere. E esse propósito é buscado por meio do uso da beleza teatral do texto de Eurípedes, servindo ao mesmo tempo como forma, desenhando um cenário de fundo para a discussão, e como conteúdo reflexivo, pois a tragédia bacante conduz o seu leitor a uma paráfrase possível da realidade espírita por meio do drama vivido por suas personagens. Se Eurípedes, em sua maturidade encanecida e ao escrever sua última e impactante obra, foi capaz de refletir sobre os deuses gregos e questionar a religião, a condição social das mulheres e o poder do estado sobre a vida privada, é também possível que o movimento espírita brasileiro, após seus mais de cento e cinquenta anos, seja capaz de refletir sobre seu caminho, seus méritos, seus desvios e atalhos e propor saídas para os problemas que tem enfrentado na realidade em que atualmente se encontra. Com esse propósito e esse pano de fundo, parte-se das reflexões e práticas históricas de Paulo Freire e das Comunidades Eclesiais de Base para propor uma nova forma de atuação do movimento espírita, voltada para um trabalho popular de conscientização e de promoção da transformação social. Esse novo caminho é nomeado nesse discurso de Núcleo Espírita Popular (NEP). Não sendo mais possível pensar num movimento espírita que, por meio da atividade alienante e da caridade esmolar, contribui para manter os graves problemas sociais, contrariando tudo o que está proposto nos ensinamentos de Jesus e dos espíritos que auxiliaram Kardec, faz-se necessário ultrapassar esse estágio de fideísmo inócuo, focado exclusivamente na escatologia idealista e na soteriologia subjetiva, para avançar sobre a ideia central do Reino apresentada por Jesus quando se propôs a trazer para mulheres e homens a possibilidade da construção duma nova sociedade justa e fraterna, uma sociedade que não é desse mundo de opressão e indignidade. Para isso, faz-se também necessário pensar não apenas no objetivo principal, que é a continuidade da luta pela construção do Reino, mas refletir e propor caminhos objetivos para esse movimento ao mesmo tempo profundo e arriscado, haja vista a enorme resistência que será contraposta, como penteus contemporâneos, por todos os que se conservam em seus privilégios sociais, mormente dentro do próprio movimento espírita. Entretanto,

¹ Texto de autoria do **Espíritas à Esquerda** apresentado no V Encontro Nacional da CEPABrasil, entre os dias 4 e 6 de novembro de 2022, ocorrido em Santos, SP.

essa é a tragédia a que está destinado o espiritismo, como um mensageiro de Dioniso, resgatar a originalidade revolucionária daquilo que foi trazido pelo homem nazareno, atuando como um educador das propostas dessa nova sociedade, conscientizando mulheres e homens do povo de seu papel histórico, social e político.

Párodo

Cadmo:

– De toda a cidade, só nós dançamos por Baco?

Tirésias:

– Só a nós o bom senso possui, aos outros não.

Os anciãos Cadmo e Tirésias se propõem a seguir as bacantes.

Que se dance, pois, como bacantes, ao som da música que entorpece a alma daqueles que anseiam por um mundo fraterno e se engajam na luta por essa utopia que pervaga por séculos as mentes dos que anteviram esse momento de profundo deleite material e espiritual.

E aqui se inicia esse breve discurso sobre uma proposta de ação transformadora do movimento espírita e da sua contribuição, mesmo que diminuta, para a transformação da sociedade em que está inserido.

Material e espiritual são aspectos da mesma realidade, não se os podendo apartar sem prejuízos à melhor compreensão da realidade. Não há mundos opostos ou separados, mas condições específicas e momentâneas que se sucedem e se interconectam de forma constante, não sendo possível, portanto, compreender um sem o outro e colocá-los de forma estanque num modo de ver o mundo que não traduz a complexidade do real.

A dualidade espírito e matéria é artificial e intenta, num discurso interessado, separar uma única realidade para dela extrair dos indivíduos uma subserviência incompatível com a libertação, objetiva e subjetiva, proposta pelo espiritismo. Não há um lugar no além e não há vida após a morte que se possam separar da concretude da vida material e mundana. Espíritos e indivíduos são a mesma e única realidade e vivem essa realidade de forma integrada e contínua, relacionando-se dialeticamente numa construção de caráter coletivo e individual, cujos momentos não se sucedem cronologicamente, mas se completam e se imbricam numa rede que move conjuntamente todo o real.

Essa premissa é fundamental para se compreender as propostas escatológicas espíritas, que não se confundem com um além imaterial, angelical ou divino, mas são, em verdade, um brado de reconstrução desse mundo concreto tão injusto e desigual, tal qual o anúncio dum reino feito por Jesus há mais de dois mil anos. Portanto, a proposta espírita, e como corolário a de Jesus, é um chamado àqueles que se alinham à utopia do Reino para se engajarem na luta por essa nova sociedade anunciada.

Muitas utopias foram antevistas e escritas ao longo da história, prenunciando um mundo diverso

desse que se conhece. Utopias que falam dum mundo onde todos vivem em paz, com justiça e dignidade, um mundo que não conhece a fome nem a guerra, não sabe o que é a pobreza nem a riqueza materiais e que a todos oferece os serviços essenciais, como educação, saúde e moradia, para a melhor experiência espiritual sobre o planeta. Esse mundo ainda é uma fantasia, pois jamais foi vivido de forma plena, nem mesmo naqueles territórios ou períodos que ousaram melhorar a vida de seus pares. Esse mundo onírico, por enquanto, só existe nas mentes e nos sonhos daqueles que não se permitiram enterrar sua indignação e sua dor diante da cruel experiência humana, vivida pela maior parte dos indivíduos presentes nesse vale de lágrimas.

Jesus é um desses visionários que propuseram um mundo mais humano, e o espiritismo é o eco que reverberou na modernidade essa esperança. Jesus e o espiritismo, nesse aspecto, são uma única coisa: o anúncio duma sociedade que não é desse mundo injusto, cruel e desigual. Portanto, não há a possibilidade de haver um espiritismo apartado das propostas revolucionárias de Jesus sobre esse novo mundo, um reino, como costumava a ele se referir para um público pobre e oprimido, onde haveria justiça e igualdade, onde não haveria fome nem sofrimento material, por fim, onde a vida seria plena e digna para todos, sem exceção; vida e dignidade em abundância.

Portanto, a ação social e espiritual espírita deve ser fundamentada sempre nessa unidade de espírito e matéria por meio de propostas objetivas que auxiliem não apenas a anunciar essa nova sociedade, o novo Reino de Jesus, mas também para se engajar na luta pela implantação dessa utopia revolucionária.

1º episódio: a contrarreação

*De algumas me assenhoreei, agrilhoadas as mãos;
a essas, meus servos nos cárceres vigiam;
as outras, que estão longe, das montanhas farei sair,
e, prendendo-as em férreas cadeias,
os nocivos mistérios báquicos depressa cercearei.
Penteu, apresentando-se irado com as bacantes.*

Há aqueles que objetivam, sob sombrias intenções, como *pentheus* modernos, calar e agrilhoar os que apontam o caminho da beleza das propostas espíritas e que apenas pretendem a transformação do mundo e dos espíritos que com ele se relacionam, porque, afinal, “*aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música*”².

Veem-se, como uma debacle final, os reacionários se contorcendo em discursos indignados contra aqueles que pretendem, e farão, uma profunda mudança nos caminhos do movimento espírita, conduzindo-o aos trilhos necessários do engajamento dos espíritas no processo de anúncio e construção da nova sociedade utópica.

² Essa frase de autoria anônima é erroneamente atribuída a Friedrich Nietzsche.

Eles reagirão. E, tal qual Penteu, terão vitórias pontuais aqui e ali, mas a alegria bacante será tão intensa e tão envolvente, que não serão capazes de barrar a mudança que se dará no movimento espírita. Eles serão como aqueles espíritos que trazem embaraços à marcha do progresso, mas jamais conseguirão contê-lo, pois a evolução é uma lei inexorável, ou, parafraseando Heráclito, a mudança é a única permanência. E aqueles que se colocarem contra a vaga irremissível da transformação serão por ela levados e terminarão exilados em suas próprias e entorpecidas subjetividades, apartados do mundo real.

O discurso mavioso de parte desse modorrento movimento espírita reacionário e conservador quer fazer parecer que sua postura sobre as questões sociais e políticas é neutra e sem vinculação ideológica. Essa argumentação, além de uma farsa teórica, por sua impossibilidade, é ardilosa pois escamoteia algo evidente para confundir e disseminar suas ideias contrárias ao progresso, trazendo para seu lado os incautos despreparados que se deixam emocionar por apelos irracionais, tocados em seus corações amargurados pelo peso nada leve das dores do mundo.

Não sem surpresa, mas com um horror imenso, constata-se a forma como esse ardil ocorre dentro desse movimento espírita acrisolado na jactância de si e alheio à realidade da vida do povo oprimido. Dum lado, médiuns, que vivem de suas produções bibliográficas de qualidade duvidosa e de recursos do estado e da sociedade civil, fazem discursos abjetos em eventos de autopromoção, eivados de inconsistências teóricas e práticas sobre questões sociais e políticas e de loas a figuras públicas de caráter dúbio, tratando-as como venerandas ou outras adjetivações burlescas. Doutro lado, instituições, inclusive algumas vinculadas ao triste movimento federativo, que fazem campanha aberta a favor de ideologias que propalam mentiras, negacionismos diversos, caos e morte. E são justamente os que falam absurdos como esses que são os primeiros a se abespinhar contra o movimento progressista transformador que vem trazer ares refrescantes ao fétido ambiente desse espiritismo inconsequente.

Portanto, é muito importante realçar que justamente aqueles que clamam por um movimento espírita social e politicamente neutro são os que levam em seu discurso a opção ideológica que mantém na sociedade todas as condições de opressão que causam a desigualdade e as injustiças diversas. Suas pretensões de neutralidade não passam de hipocrisia, pois, e eles sabem, logo intencional, falam de neutralidade na forma, mas o mérito é prenhe de ideologia subserviente. Não há neutralidade possível e todo discurso é político.

2º episódio: a denúncia

*Já de Penteu a mansão
se desmantela e desaba!
Dioniso está no palácio!
Venerai-o! – Venerado é!*

– *A pétrea arquitrave viste, sobre as colunas
deslocar-se? É Brômio
que brada sob esse teto!*
O Coro bacante, saudando Dioniso.

Mas a alegria dionisíaca da renovação espírita brada sob os escombros morais e cognitivos dos palácios e instituições que ultrajaram por tanto tempo as propostas espíritas revolucionárias, pois não seriam mesmo capazes de conter o furor transformador da mensagem que emana da utopia de justiça e fraternidade contida nas mensagens de Jesus e dos espíritos que auxiliaram Kardec. Os novos ares dessa alegria transformadora se espalham rapidamente sobre o movimento espírita, rompendo os lúgubres miasmas da infame proposta reacionária que dele se apoderou, fazendo ressurgir a luz e renovando as esperanças dessa proposta duma nova sociedade.

Uma nova leitura, uma hermenêutica mais atenta ao contexto completo das propostas, que não usa fragmentos de textos como arma retórica para justificativas vis, vem sendo elaborada por todos aqueles que abrem, pouco a pouco, seus olhos para aquilo que não se escondia por si, mas intencionalmente pela erística dogmática espírita. Havia ali, o tempo todo, nas respostas dos espíritos e no anúncio de Jesus, a mensagem de liberdade e de amor. Mas não um amor subjetivo, inoperante e vazio, e sim o amor que é capaz de mudar a realidade à sua volta, que é capaz de construir uma nova relação entre os indivíduos, uma relação de reciprocidade, respeito e justiça.

Não se pode falar de espiritismo sem se falar duma proposta de sociedade em que ninguém tenha fome, pois enquanto houver uma pessoa com fome, o espiritismo, e os espíritas, falharam objetivamente em sua ação social. Não é possível pensar um espiritismo que não esteja profundamente engajado na completa transformação desse mundo de fome e de miséria. Não há espiritismo presente quando se naturaliza essa situação opressiva. E não há espiritismo possível quando não se aponta explicitamente que o objetivo primacial da vida nesse mundo é “*instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as instituições, por meios diretos e materiais*”³.

Portanto, falar em espiritismo progressista ou num Jesus revolucionário é apenas um recurso discursivo para evidenciar, redundantemente, aquilo que não se pode mais calar. E não haverá Penteu capaz de silenciar essa evidência utópica, sem que enfrente a reação maiêutica da alegria bacante do reanúncio desse novo mundo.

Que o espiritismo progressista siga então o seu caminho, sem olhar para aqueles que o pretendem parar, produzindo e elaborando ações pedagógicas e sociais, na direção única capaz de contribuir para uma revolução social dentro do próprio movimento espírita e da sociedade em que se insere. Essa é a sua finalidade precípua, sua única razão de existir, pois se esse espiritismo revolucionário não for capaz de agir no real, não de forma esmoler, mas de forma transformadora, já

³ KARDEC. *O livro dos espíritos*. Resposta à questão 573.

estará natimorto e vazio por dentro. Não se pode, portanto, sem o risco de anulá-lo desde o início, fazer desse espiritismo progressista uma reunião de pessoas progressistas dentro das mesmas bases históricas do movimento espírita federativo reacionário. A ação espiritual e material desse movimento deve estar pautada em bases radicalmente novas para alcançar a velha utopia, pois o que foi feito até então já mostrou à mancheia seu absoluto desserviço à sociedade.

O que aqui se pretende é apresentar uma proposta revolucionária de ação espírita que possa, mesmo de forma inexpressiva diante do monumental quadro de desgraça social em que se vive, contribuir para reanunciar o Reino e para lutar por sua implantação.

3º episódio: a fé

*Ó mulheres bárbaras, que pânico imenso vos tomou,
para que estejais prostradas por terra?
Ao que parece, sentíeis que Baco
abalava o palácio de Penteu.
Vamos! Erguei vosso corpo
e repeli de vossa carne o pavor, tende confiança!
Dioniso, motivando as bacantes.*

“Tende confiança!”, diriam Dioniso e Jesus aos espíritas progressistas e bacantes, pois devem dançar sob os acordes dessa música divina que é o anúncio dum novo mundo. Não se prostem derrotados sob o horror das desgraças sociais que vigem nesse mundo de dor e sofrimento, governado por *penteus* indiferentes e insensatos. Um novo movimento abala as estruturas do velho, que se desfaz a olhos vistos, mas que seu brado agonizante ainda incomoda e destrói. Planejem e façam as coisas acontecerem. Transformem desejo em fé e esse novo mundo será possível.

Como já dito, não existe uma experiência concreta, a não ser em casos bem limitados territorial e temporalmente, numa sociedade plenamente justa e fraterna. Isso ainda é, e será por um bom tempo, apenas uma vívida utopia na mente dos sonhadores que seguem anunciando essa ideia radical. E o espírita progressista, ouvindo os ecos de suas experiências pretéritas, sente-se intimamente chamado para desempenhar o papel histórico de também contribuir para anunciar e construir esse Reino com todos os espíritos, pois não passará essa geração de espíritos vivendo essa longa jornada terrena, de muitas vidas, sem que o Reino esteja implantado, como anunciou Jesus.

E isso é fé, não uma fé transcendente e subjetiva, coisa dum mundo fora do mundo, mas fé concreta que se transmuta em deliberada ação de transformação do real, que atua no sentido de mudar as situações e condições que impedem o advento do Reino, uma fé que é mundana porque real. O espírita progressista acima de tudo crê que é possível modificar o mundo, e é a essa fé que Jesus se referiu ao dizer que ela é capaz de deslocar as montanhas que obstaculizam esse projeto de sociedade fraterna. Mas não basta apenas acreditar que um dia esse mundo onírico estará presente na Terra, pois isso não é fé, é desejo. Fé atua, age, transforma e realiza.

Como Dioniso a pedir confiança às bacantes, pois compreendia o vagar dos fatos, Jesus nos instiga a exercitar essa fé que, mesmo ainda incipiente, mesmo que do tamanho dum grão de mostarda, já traz consigo uma força propulsora de transformação indescritível. É preciso, pois, propor e fazer, sem expectativas grandiosas, as mudanças nas ações do movimento espírita, para que ele possa expressar plenamente a potência revolucionária nele contida e tão reprimida até então.

4º episódio: o anúncio

Coro
Que há? Das bacantes algo de novo anuncias?
Mensageiro
Morto é Penteu, o descendente de Equión.
O Mensageiro anunciando a morte de Penteu.

Morto é aquele que pretende, como Penteu, impedir a vaga inexorável da mudança, pois a inviabilidade teórica e prática da ação conservadora traz em si o germe da sua superação. Dessarte, todo aquele que se coloca contra o porvir anunciado responsabiliza-se pelo impedimento sempre provisório, mesmo que duradouro, da alegria bacante, da felicidade do Reino, da nova sociedade justa e fraterna. É um morto diante da abundância da vida possível e prenhe de sentidos mundano e espiritual.

Para colaborar no anúncio e na implantação do Reino são necessários uma mulher e um homem novos, que compreendam criticamente a realidade à sua volta e sejam capazes, a partir dessa plena compreensão, de agir sobre ela, transformando-a para cumprir a utopia proposta por Jesus. É impraticável falar em implantação dessa nova sociedade sonhada sem que seus sujeitos estejam prontos para essa ação-reflexão crítica do mundo. E sujeitos de ação são sujeitos transformados, não por uma tola transformação íntima, subjetiva, incapaz de mudar paradigmas individuais e coletivos, portanto inexecutável e inútil, mas transformados a partir da vivência concreta da experiência do espírito imortal na sua multivivência mundana, base fundante das experiências pedagógicas encarnatórias, haja vista não ser mais possível pensar o espírito imortal por meio de haveres e deveres vindicativos, mas por longos processos pedagógicos, logo dialéticos, que fornecem ao ser as múltiplas oportunidades que o formam e o completam.

O novo ser crítico e atuante, o bom samaritano, entende que não é possível transformar-se sem que seja por uma ação transformadora do mundo, porque também dialético, tal qual proposto por Jesus e pelos espíritos, e entende, por conseguinte, que sua mudança se dará concomitante à mudança do mundo por ele promovida. Dessa nova compreensão humana, portanto espiritual, nasce a reflexão sobre a melhor forma do agir revolucionário no real, que transforma o mundo e autotransforma o sujeito, e não do agir conservador que mantém estruturas e sistemas e que causa, como consequência óbvia, a paralisia da reforma do indivíduo. Noutras palavras, a ação conservadora aliena o sujeito da

sua realidade por não possibilitar sua transformação, agrilhoando-o numa situação passiva diante das necessidades evolutivas impostergáveis que o levarão “*de roldão*”, ou, como diz Kardec, o progresso “*é uma força viva, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada*”⁴.

Necessário se faz, portanto, pensar e agir para que esse novo ser surja, a partir de suas relações dialéticas, transformando-se e transformando o mundo ao seu redor. E o movimento espírita precisa alinhar-se a esse projeto.

5º episódio: a pedagogia

*Deve a cidade aprender, ainda que não queira,
nos báquicos mistérios não sendo iniciada,
que a Sêmele, minha mãe, defendo, e eu
aos mortais surjo como deus, por ela de Zeus concebido.
Dioniso, anunciando-se como deus a Tebas.*

Tebas precisava aprender, no dizer de Dioniso, um deus, mesmo que ainda sem a exata compreensão daquilo que se propunha por meio da alegria transformadora das bacantes, os mistérios que a libertariam da alienada submissão aos caprichos dos opressores. Por isso, a ação proposta para a transformação do movimento espírita e para a sua contribuição à transformação da realidade à sua volta é necessariamente pedagógica, porque não será possível, jamais, a libertação social sem os recursos revolucionários da ação educativa. Mas, diferente de Dioniso, que por sua condição divina impôs o aprendizado transformador, ao novo movimento espírita caberá a atuação participativa com todos os envolvidos nesse processo pedagógico.

Ao dizerem, os espíritos que auxiliaram Kardec, que é preciso “*instruir os homens*” para lhes auxiliar o progresso e melhorar as instituições e que “*necessário é que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação*”⁵, encontra-se aqui a afirmação da base evidente da atividade pedagógica para as mudanças sociais requeridas. E aqui não se trata de educação subjetiva, moralizante no sentido íntimo, como inocentemente propõe Denis⁶ como premissa para a solução dos problemas sociais, mas de caráter coletivo, que visa a um objetivo específico que é a transformação da sociedade numa nova experiência de convivência fraterna e sem oprimidos e opressores.

Não se trata, portanto, duma educação que pretenda apenas dar condições e técnicas para a inserção de indivíduos no sistema de exploração do trabalho, garantindo, minimamente, uma renda, mesmo que miserável, para sua subsistência. Definitivamente não é essa a proposta, porque ela não seria, como nunca foi, capaz de mudar as condições objetivas de vida da sociedade, mas apenas a de

⁴ KARDEC. *O livro dos espíritos*. Resposta à questão 781.

⁵ KARDEC. *O livro dos espíritos*. Resposta à questão 914.

⁶ DENIS. *Socialismo e espiritismo*. p.63.

promover a reposição de peças descartáveis das engrenagens triturantes do sistema de opressão do trabalhador.

A educação proposta tem que ser capaz de despertar no grupo social, em que se encontra o novo movimento espírita, a possibilidade de compreensão plena da realidade e de sua ação objetiva na busca de sua transformação, pois uma educação incapaz de promover a autolibertação e a autoconscientização de todos os envolvidos não passa de recurso ideológico para a manutenção das condições de exploração do povo oprimido.

A autolibertação e a autoconscientização são as palavras-chave que definem os objetivos principais da proposta pedagógica a ser implantada pelo novo movimento espírita. E essa proposta só é original para o movimento espírita, não para a sociedade, pois outras experiências similares já foram executadas com sucesso, mostrando não apenas que esse caminho é possível, mas que é um caminho com resultados promissores e evidentes. E não se trata apenas de simples bons resultados, mas resultados que evidenciaram a capacidade de essa pedagogia revolucionar a realidade à sua volta, contribuindo para a construção de comunidades ativas social e politicamente e para a formação de atores sociais importantes para essas comunidades e para a sociedade como um todo.

Caberá, portanto, ao movimento espírita renovado a apropriação desse conhecimento prático e teórico para ser utilizado em suas atividades cotidianas, contribuindo assim, de forma eficaz, para o reanúncio e a implantação da proposta do Reino na sociedade, que é o fim precípua do espiritismo.

6º episódio: a reflexão

*“Conduz-me para lá, ó Brômio, Brômio,
o deus Evoé, das bacanais o arauto!
Lá estão as graças!
Lá está o desejo! Lá, às bacantes
as orgias é dado celebrar!”
O Coro bacante, ansiando por Dioniso.*

E quem são esses anunciadores do novo cuja reflexão e prática serão capazes de conduzir a mudança que se insinua em suas utopias? Porque o anúncio não se basta sem a ação que a tudo transforma. Panos novos não reparam roupas velhas, é preciso, pois, denunciar e anunciar, destruir para reconstruir, e isso já vem advertido há muito, e não só pelas comparações de Jesus, também pela ironia socrática que, antes de propor a verdade, a tudo destrói sem, entretanto, esquecer de deixar a boia que resgatará a essência na forma já em ruínas. Tal qual o arauto Dioniso que, mesmo ciente da tragédia que se avizinha, sabe-a inevitável e entende sua função renovadora, anunciando a graça e a celebração bacantes que daí resultarão.

Há experiências pedagógicas marcantes na história contemporânea latino-americana e africana que obtiveram resultados significativos de construção coletiva de autoconsciência e de formação de atores sociais e políticos, podendo-se citar duas mais lembradas: os Círculos de Cultura, coordenados

por Paulo Freire e sua equipe no Brasil e na África, e as Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, coordenadas pela parcela progressista da Igreja Católica em quase toda a América Latina. E esses exemplos de movimentos sociais pedagógicos de promoção da dignidade humana devem ser estudados e compreendidos profundamente pelo movimento espírita a fim de capacitá-lo para a ação transformadora da realidade, servindo como material primeiro para a construção de nova experiência de ação espírita alinhada ao momento social e econômico atual.

Os círculos freireanos trazem, além da experiência na ação concreta no Brasil até 1964, no Chile na segunda metade dos anos 1960 e no continente africano nos anos 1970, uma base teórica importante a ser compreendida pelo espírita, pois, a partir de reflexões dessa proposta, será possível construir um cabedal teórico fundamental, porque os círculos eram

“grupos compostos por trabalhadores populares, que se reuniam sob a coordenação de um educador, com o objetivo de debater assuntos temáticos, do interesse dos próprios trabalhadores, cabendo ao educador-coordenador tratar a temática trazida pelo grupo. Surgem no âmbito das experiências de alfabetização de adultos no Rio Grande do Norte e Pernambuco e do Movimento de Cultura Popular. Não tinham a alfabetização como objetivo central, mas a perspectiva de contribuir para que as pessoas assumissem sua dignidade como seres humanos e se percebessem detentores de sua história e de sua cultura, promovendo a ampliação do olhar sobre a realidade. Nesse contexto, propõem uma práxis pedagógica que se compromete com a emancipação de homens e mulheres ressaltando a importância do aspecto metodológico no fazer pedagógico, sem desvalorizar, no entanto, o conteúdo específico que mediatiza esta ação, possibilitando a tomada de consciência do educando, mediante o diálogo e o desvelamento da realidade com suas interligações, culturais, sociais e político-econômicas.”⁷

Para essa proposta renovadora de ação-reflexão é necessário o aprofundamento teórico para o melhor entendimento do método capaz de produzir libertação e extensiva participação democrática, além de superar o trágico silenciamento social e político das camadas populares, o que Freire chamou de “*cultura do silêncio*”⁸. Importa também observar que o método freireano aplicado nos círculos de cultura, apesar de muito conhecido como método específico para alfabetização de adultos a partir da sua gênese epistêmica em Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963, é, antes de tudo, um instrumento de infinitas potencialidades de formação do sujeito social, servindo “*como instrumento metodológico de construção do conhecimento e mesmo de investigação científica*”⁹ e podendo, portanto, aplicar-se a quaisquer situações que objetivam a formação crítica do indivíduo em seu contexto político e social, inclusive espiritual, pois

“no círculo de cultura, o processo educacional se amplia de tal forma que, pelo diálogo, há um crescendo criativo de novas descobertas, individuais e coletivas, que não educa o sujeito apenas para um determinado saber ou fazer. Nesse círculo se prepara para a vida crítica em sociedade e para a redescoberta do próprio ser

⁷ DANTAS; LINHARES. *Círculos de cultura*. p.73.

⁸ FREIRE. *Conscientização*. p.62.

⁹ MARINHO. *Círculo de cultura*. p.74.

*humano como tal e como ser social, que vive em permanente contato com os seus próprios limites e com as suas potencialidades no encontro e no confronto com o outro, com quem disputa poder, mas que ao mesmo tempo, reconhecendo-se diferente, ao se relacionar, se reconhece melhor no outro e, com a ajuda dele, enxerga melhor a si mesmo e pode, por conseguinte, intervir crítica e radicalmente no contexto, no mundo em que vive.”*¹⁰

Esse método é bem apresentado e discutido nas obras fundamentais de Paulo Freire, como *Pedagogia da esperança, Pedagogia da autonomia, Pedagogia do oprimido, Conscientização, Educação e mudança, Ação cultural para a liberdade, Cartas a Guiné-Bissau*, além de muitas outras.

A condução freireana não é a única necessária nesse caminho de mudança, deve-se também pautar, para reflexão e ação, as contribuições teóricas da teologia da libertação, que, à revelia de sua imbricação com a doutrina católica dogmática, traz o mesmo anseio, ora anunciado, por um indivíduo renovado e atuante no mundo, e as contribuições práticas das CEBs, consequências imediatas da reflexão teológica de libertação.

Não se poderia apartar, sem prejuízos teóricos e práticos, a proposta metódica freireana da proposta de ação desse pensamento progressista católico, uma vez que as CEBs foram fortemente influenciadas pelo método freireano e, por outro lado, as reflexões freireanas também ecoam as propostas metódicas da teologia libertária católica, mormente seu método “ver-julgar-agir” que traduz também as influências marxistas dessas ideias. Apesar de a teologia da libertação ter surgido formalmente no início dos anos 1970, com o lançamento em 1971 dos livros *Teologia de libertação: perspectivas*, do sacerdote peruano Gustavo Gutiérrez, e *Jesus Cristo libertador*, do sacerdote brasileiro Leonardo Boff¹¹, sua reflexão sobre método surgiu bem antes no seio católico, nos anos 1920, a partir das intervenções do padre Josef-Léon Cardijn junto à Juventude Operária Católica (JOC) belga. Em seus textos sobre o “ver-julgar-agir”, Cardijn propõe etapas similares ao método freireano dos círculos de cultura: inquiridos sobre a realidade vivida pela juventude operária (“ver”), reflexões conjuntas entre clérigos e operários a partir dessas informações (“julgar”) e planejamento e ações propostas (“agir”)¹². Evidente que há diferenças na práxis de Freire e de Cardijn, mas há também muitas semelhanças e a mesma influência do método dialético marxista, em que a concretude da vida humana se impõe como fonte primeira para qualquer ação-reflexão intentada.

A teologia da libertação, surgida no contexto de opressão e miséria da América Latina a partir de reflexões promovidas pelos Concílio Vaticano II e Conferência de Medellín e perseguida e calada pelo clero conservador e reacionário católico durante os papados de João Paulo II e Bento XVI, é um grito de promoção do anúncio do Reino, é um apelo aos católicos ao entendimento do que é profundo e fundamental nos ensinamentos de Jesus, porque Jesus fez a justa e exclusiva opção pelos miseráveis de

¹⁰ FREIRE. *Pedagogia da autonomia*. p.171.

¹¹ BOFF. *Quarenta anos da teologia da libertação*.

¹² AUBERT. *Cardijn, o apóstolo da juventude trabalhadora*. p.63.

seu tempo, mostrando que não seria possível pensar a fé sem a devida práxis que promova a superação das diferenças sociais. No dizer de Leonardo Boff e Clodovis Boff,

“A grande pergunta que se colocaram nos inícios e que vale nos dias de hoje, pois trata-se da questão que vai julgar o cristianismo de nosso tempo, era e é: como ser cristão num mundo de miseráveis e injustiçados? A resposta não podia ser outra: só seremos seguidores de Jesus e verdadeiros cristãos se formos solidários com os pobres e vivermos o evangelho da libertação. De dentro das lutas sindicais, na defesa das terras e dos territórios indígenas, na luta pelos direitos humanos e em outras formas de compromisso surgia sempre a questão: que colaboração traz o cristianismo na prática e nas motivações pela libertação dos oprimidos?”¹³

A única resposta possível à questão colocada foi o engajamento pragmático dos católicos, adeptos dessa proposta libertadora, na luta social por meio de projetos de autoconscientização e autolibertação que marcaram a história social e política brasileira durante os anos 1950 a 1980: as pastorais sociais e as comunidades eclesiais de base, que são a expressão prática da reflexão libertadora dessa hermenêutica teológica.

A CEBs, dentro do universo católico e com alcance que facilmente superou os milhões de fiéis, foi a maior experiência concreta a partir das reflexões de Paulo Freire e da teologia da libertação, uma expressão viva da proposta libertadora de Jesus, uma prática capaz de mostrar que não é apenas possível usar a fé como móvel de ruptura, mas como é possível o fazer. Frei Betto inicia seu texto sobre as CEBs com o seguinte desafio:

“A Igreja na América Latina está ante um sério desafio: sua pastoral é apenas um remendo progressista, mas historicamente insequente que a liga aos sofrimentos do povo ou de fato visa a ‘anunciar a boa nova aos pobres; aos cativos, a libertação; aos cegos, a restauração da vista; dar liberdade aos oprimidos e proclamar o tempo de justiça do Senhor’? (Lc 4, 18-19).”¹⁴

E, afinal, o que pretende o movimento espírita? Continuar a ser um encontro de amigos de classe média que discutem reencarnação, mediunidade e corpos espirituais ou ser um projeto revolucionário em direção ao Reino anunciado? E o que fez Jesus, o modelo indicado¹⁵? Ensinou sobre um reino de justiça e paz, semeou práticas libertadoras, alimentou famintos, vestiu desamparados e curou doentes ou apenas se reuniu em grupos de estudos para uma exegese profunda e dogmática do texto veterotestamentário? Essa escolha está colocada como um ponto de inflexão ao movimento espírita e dirá o que mulheres e homens fizeram dessa utopia que embala visões e sonhos revolucionários daqueles que não querem simplesmente mitigar e sustentar, mas transformar, seguindo o modelo proposto pelos espíritos.

Reflexões e práticas efetuadas pela teologia da libertação e pelas CEBs são materiais

¹³ BOFF; BOFF. *Como fazer teologia da libertação*. p.18.

¹⁴ BETTO. *O que é comunidade eclesial de base*. Prefácio.

¹⁵ KARDEC. *O livro dos espíritos*. Resposta à questão 625.

imprescindíveis para uma nova proposta espírita, à revelia de seu evidente caráter católico. Há muitas obras e artigos que apresentam o método “ver-julgar-agir”, a concepção libertária da nova teologia católica e a práxis das CEBs, mas se indicam como introdutórias e fundamentais as seguintes obras: *Jesus Cristo libertador* (Boff), *Teologia de libertação: perspectivas* (Gutiérrez), *Como fazer teologia da libertação* (Boff e Boff), *Teologias da libertação para nossos dias* (Barros), *Cristianismo e marxismo* (Betto) e *O que é comunidade eclesial de base* (Betto).

Não se poderia deixar de referenciar os esforços de espíritas progressistas que, durante o séc. XX, buscaram pensar um espiritismo social e político, aproximando-o, mesmo com alguns problemas teóricos, da ideia do Reino anunciada por Jesus. Assim o fizeram nomes como Léon Denis, Cosme Mariño, Humberto Mariotti, Manuel Porteiro, Eusínio Gaston Lavigne, José Herculano Pires, Jacob Holzmann Netto, Cleusa Beraldi Colombo e diversos outros desconhecidos da maioria do reacionário movimento espírita. Faz-se urgente e necessário um estudo aprofundado dessas obras que introduzem o tema para uma prática libertadora do espiritismo.

Como prelúdio desse episódio, ressalta-se que todas as indicações feitas foram produzidas em determinados contextos que não podem ser negligenciados, contextos históricos, culturais e religiosos que determinaram a forma e o mérito das abordagens propostas. Portanto, é mister ao movimento espírita renovado um estudo crítico desses autores, haja vista a nova realidade vivida pela sociedade do séc. XXI e suas implicações culturais radicalmente diferentes, pois se a Dioniso coube a condução das bacantes, são elas efetivamente que pisam o chão que conduz à mudança, e todos os textos indicados são como luzes que iluminam o caminho, mas a caminhada ainda está por ser feita.

7º episódio: a ação

*“Ah! Se lá estiveras, ao deus que ultrajas
havia de dirigir preces, depois de veres tais prodígios!
Boieiros e pastores nos reunimos,
discutindo uns e outros nosso parecer
sobre os prodígios praticados, tão dignos de admiração.”*
O Mensageiro advertindo Penteu.

Diante de prodígios e possibilidades histórico-sociais de práticas tão revolucionárias e dignas de admiração, continuar em ação estéril, como uma figueira sem frutos, afirmaria um ultraje do movimento espírita, mesmo progressista, ao que foi proposto por Jesus e pelos espíritos que inspiraram as obras kardecistas. Levantemos, pois, nossas preces, traduzidas em agir insubmisso, ao utópico Reino, reunindo-nos como trabalhadores da última hora na semeadura desse sonho, anunciando-o e construindo-o na única forma possível: libertando-nos todos a partir da nossa consciência plena do mundo e das relações humanas.

O movimento espírita precisa levar o discurso potente e transformador do espiritismo aos mais vulneráveis socialmente, mudando seu foco dos problemas superficiais e quase pueris dos abastados

para a complexa realidade da indigência material e social dos desvalidos. Precisa conversar com os pobres, dialogar com os deserdados, ouvir e falar com os abandonados pela sociedade, e não apenas lhes dar eventualmente o alimento que sacia a fome de sentido de vida dos exploradores. O espiritismo precisa tornar-se popular, falar a linguagem do povo, para que não continue a ser essa tolice diletante que hoje cheira a naftalina nas casas e instituições espíritas sem um real objetivo transformador.

Um novo movimento espírita, reinventado, repensado a partir daquilo que hoje é apenas latente dentro das obras kardecistas, precisa ser libertado das amarras que intentam conservá-lo impotente dentro duma ortodoxia vã para que alcance seu propósito precípuo: a transformação do sujeito e da sociedade em que se vive, porque, afinal, o espiritismo é uma ferramenta poderosa de libertação e conscientização.

E como as propostas espíritas já trazem consigo esse poder transformador revolucionário, o que se precisa é colocá-las em ação. Essas propostas, que foram trazidas há mais de cento e sessenta anos por uma miríade de espíritos, são como ferramentas de auxílio nesse processo que, como se sabe pela lei do progresso, ocorrerá de qualquer forma, “*conosco, sem nós ou contra nós*”¹⁶. E o que aqui, pois, propõe-se é que se coloque o movimento espírita a favor desse processo, mudando o triste rumo em que hoje se encontra.

*“A filosofia espírita só estará definitivamente arraigada no mundo no dia em que se dedicar à consideração filosófica, social e religiosa da chamada luta de classes. O problema desta luta absorve quase toda a atenção do homem contemporâneo. Seria um erro não reconhecer que todo pensamento espiritualista dos novos tempos só avançará se souber enfrentar esse tremendo conflito, que se desenvolve entre as classes sociais. Não olvidemos que todo progresso da cultura só é possível no plano da consideração histórico-social. A filosofia espírita, se não tomar uma orientação desse caráter, realmente definida, tal como se deduz do kardecismo, ver-se-á diminuída e reduzida em sua ação, frente ao problema transcendental das questões sociais.”*¹⁷

Assim, o argentino Mariotti corrobora o caminho necessário à condução das propostas espíritas por um renovado movimento espírita. O baiano Lavigne também segue por esse caminho, sugerindo pautas e uma agenda reformadora para o movimento espírita¹⁸. Em convergência com esses e outros espíritas progressistas, urge implantar uma agenda revolucionária de práxis pedagógica, partindo-se do conhecimento de reflexões e práticas que conduzam o indivíduo e a sociedade à sua nova condição anunciada.

Contudo, não se pretende propor apenas reformar o movimento espírita, arejando-o com ideias

¹⁶ Frei Inocêncio Engelke, em carta pastoral à pequenina cidade mineira de Campanha, em 1950, mostrando sua preocupação sobre a ausência da Igreja Católica no processo de libertação do povo camponês. In: ALVES. *O Cristo do povo*. p.47.

¹⁷ MARIOTTI. *O homem e a sociedade numa nova civilização*. p.104.

¹⁸ LAVIGNE. *Os espiritualistas perante a paz e o marxismo*. p.167.

sociais e interpretações políticas, mantendo sua estrutura e suas instituições carunchosas¹⁹, pois isso seria apenas remendar a roupa velha. Mas, a partir da compreensão espiritual e material das relações humanas contida nas obras kardecistas, auxiliar na transformação da sociedade, das relações de classes e da exploração do trabalho.

É preciso um novo movimento espírita que se apresente firme e claramente à luta contra todo tipo de exploração, contra todo tipo de discriminação e contra a precarização das condições materiais de vida. Isso significa que novas instituições, com novas práticas, precisam assumir esse papel essencial para a consecução daquilo que foi proposto como transformação da realidade por Jesus e pelos espíritos, porque não será possível fazer isso a partir das instituições que hoje, infelizmente, representam esse movimento espírita inócuo e sem serventia.

Portanto, a primeira proposta colocada a partir dessas reflexões é a organização de novos grupos e instituições que se pautem por uma visão transformadora. Mas não aquela transformação puramente individual, que ignora as relações humanas dialéticas, e sim a visão que compreenda que toda transformação humana passa necessariamente pela mudança radical nas relações sociais, porque, afinal, ninguém é capaz de se autotransformar ignorando as condições do contexto em que se situa.

Esses novos grupos e instituições devem ter como objetivo primacial a construção da estratégia de sua inserção na luta pela superação da cruel realidade social existente. Suas reuniões, estudos, conferências e ação social devem ter esse maior propósito colocado como horizonte, como meta à sua atuação, exemplificando o poder revolucionário da filosofia espírita. Afinal, de que adianta decorar perguntas e respostas de livros e não ser capaz de usar esse tipo de conhecimento para transformar o mundo ao seu redor? E transformar não é apenas dar o pão no momento de fome, o que é importante, mas construir uma sociedade em que mulheres e homens não tenham mais que sentir fome.

Muito se ouve e se lê de espíritas progressistas sobre a necessidade de se ocupar espaços espíritas existentes, numa luta inglória e ineficaz para levar seu discurso aos ouvintes de determinada instituição. Entende-se que essa estratégia não traz os resultados necessários por dois motivos principais: a) o público dessas casas espíritas não interessa ao movimento espírita progressista, pois seu foco deve ser o povo, a classe trabalhadora que precisa, além de justas condições materiais de vida, de consciência social e política e de educação; e b) as instituições espíritas conservadoras –pois intentam conservar o *status quo* da sociedade– são como roupas velhas, carcomidas, nas quais um remendo qualquer só será capaz de fazê-las rasgar, sem entretanto se as fazer transformar. Seus odres estão velhos e o vinho novo ofertado não terá o condão de os melhorar.

E, indo um pouco além, deve-se abandonar definitivamente tolos escrúpulos e cuidados com as propostas de união ou unificação do movimento espírita. Não interessa a nenhum espírita progressista

¹⁹ KARDEC. *O livro dos espíritos*. Comentários do autor à questão 783.

unificar-se ou unir-se a ninguém para uma luta inconsequente e que não tenha como objetivo claro a transformação da realidade social. Pois se não houver explícito interesse nessa transformação, a omissão pusilânime atuará como resistência a essa proposição, ou seja, “*aquele que não está comigo está contra mim; e aquele que comigo não ajunta espalha*”²⁰.

Afinal, não interessa e não basta aos espíritas progressistas apenas compreender a realidade, incluindo-se a condição da imortalidade, mas ser capaz de agir coletivamente para a transformação dessa mesma realidade²¹.

A partir do claro entendimento do objetivo transformador das propostas espíritas, não no sentido individual, mas coletivo, porque não é possível transformar-se sem a transformação de toda a sociedade, o que se propõe é a mudança da atuação do movimento espírita no sentido de se tornar instrumento na busca das mudanças da sociedade desigual e injusta em que se vive.

E isso é radical e revolucionário, pois não se parte da proposta de evangelização, no sentido clássico, apartada do contexto vivido por todos, que pretende apenas formar prosélitos de classe média e experimentar a prática da caridade como simples entrega de fardos e itens aos pobres, como se esses fizessem parte duma outra realidade, dum outro mundo.

Os ensinamentos de Jesus e dos espíritos são recursos valiosos que podem, e devem, compor um mosaico de ações que promovam a construção da autoconsciência transformadora do povo, pois um povo alheio à sua realidade social, econômica e ambiental e à sua identidade jamais conseguirá dar passos no sentido da superação de suas mazelas e dificuldades. Portanto, se se pretende verdadeiramente promover a transformação proposta nos ensinamentos evangélicos e espíritas, é preciso antes de tudo atuar no sentido de possibilitar ao povo a elaboração de sua autoconsciência, ou seja, o foco do novo movimento espírita deve ser o trabalho de conscientização.

E não deve haver pretensão de protagonismo nessa tarefa, pois a conscientização é uma conquista de determinado grupo ou de toda a sociedade. Ela não é algo dado por um terceiro, mas construída a partir da própria realidade em que se vive, pois só quem a vive é capaz de dela tomar consciência. Caberá, portanto, ao novo movimento espírita entender seu papel de ferramenta, de meio, de instrumento, de mero auxiliar que facilita a conquista dessa consciência social.

Os núcleos espíritas desse novo movimento, nomeados nesse discurso de Núcleos Espíritas Populares (NEPs), devem, preferencialmente, estar vinculados a comunidades populares, de trabalhadores, para, junto com eles –e jamais para eles–, promover atividades e reflexões, com o apoio indispensável dos ensinamentos evangélicos e espíritas, que contribuam para a construção da consciência crítica de todos os envolvidos.

Portanto, não haveria espaço nessa nova proposta de ação-reflexão para palestras evangélicas

²⁰ Jesus, em *Evangelho segundo Mateus*, 12, 30.

²¹ Referência à décima-primeira tese sobre Feuerbach, de Karl Marx. In: MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*. p.14.

alienantes ou reuniões de estudos de caráter dogmático e ortodoxo. Isso porque não há uma doutrina a ser ensinada, não há um fiel a ser conquistado, mas uma tarefa de construção de consciência coletiva a ser feita por meio das transformadoras propostas espíritas, já que o que se objetiva não é um profíente espírita, mas um sujeito liberto e consciente. Ou, como diz Freire, “*quem atua sobre os homens para, doutrinando-os, adaptá-los cada vez mais à realidade que deve permanecer intocada, são os dominadores*”²², e o que se pretende é o contrário da dominação: é a libertação.

Reuniões, estudos, eventos devem então se pautar pelo diálogo e pela participação intensiva de todos. E qualquer reflexão de caráter espiritual e evangélico deve partir da realidade concreta em que vive a comunidade que se insere o núcleo espírita popular. Muitas reflexões, diálogos e estudos espíritas podem ser feitos a partir das condições concretas da vida do povo, como as dificuldades das relações de trabalho, as condições objetivas do bairro em que se vive, a moradia, as dificuldades enfrentadas pelas famílias trabalhadoras no acesso à educação e à saúde, os problemas enfrentados por negros, mulheres e LGBTs da comunidade, a violência urbana, as drogas etc. E, a partir da análise desse contexto socioeconômico e da reflexão dos textos espíritas, usando os métodos já citados, será possível encontrar não só o consolo proposto por esses textos, mas a força para transformar a situação concreta, que é o valor maior dos ensinamentos evangélicos.

Esses novos núcleos espíritas devem também promover incansavelmente a auto-organização em todos os sentidos. Primeiro, a auto-organização do trabalho, motivando o trabalhador a participar de cooperativas, movimentos sociais, organizações de bairro e sindicatos profissionais, mostrando que é por meio da luta coletiva que se conseguirá transformar a realidade, jogando por terra o discurso hegemônico e falacioso da meritocracia individual. Segundo, é preciso também fazer com que o próprio núcleo espírita seja auto-organizado, que a própria comunidade dirija e decida os rumos desse novo movimento espírita. A classe média, maioria dentro do movimento espírita conservador, precisa abdicar de seu protagonismo e ser mero instrumento da promoção da participação popular na organização desses novos núcleos.

Por fim, as atividades de caridade material, necessárias dentro das comunidades populares onde vive o povo trabalhador, devem-se nortear pela reflexão e decisão conjuntas e pelo auxílio mútuo. Ou seja, é a leitura da realidade concreta, feita com a participação de todos, que deverá pautar as ações a serem tomadas por todos, incluindo obrigatoriamente a própria comunidade. Não há simplesmente doação de cestas básicas, roupas ou que tais sem que toda a comunidade participe da definição de suas necessidades e da própria atividade de auxílio mútuo. Portanto, não é apenas um doar alienante, mas uma ação que constrói relações coletivas e promove a consciência libertadora.

Os espíritas e suas instituições precisam mover-se nessa direção, única possibilidade de dar

²² FREIRE. *Pedagogia do oprimido*. p.67.

sentido ao próprio espiritismo enquanto anunciador e promotor do Reino. Mas as propostas de ação popular acima colocadas não passam de orientações, “*porque o trabalho popular é mais uma arte do que uma ciência*”²³, e todo processo pedagógico transformador e revolucionário é um aprendizado dialético, que se vai forjando na própria prática libertadora.

Êxodo

*“O povo todo, sem demora, dançará em sua honra,
–quem quer que dirija os tíasos, outro Brômio é–
dançará rumo à montanha, à montanha.”*
O Coro anunciando que a mudança é certa.

Todos que se dispuserem a anunciar o novo Reino de fraternidade e a dançar as suas alegrias serão como novos mensageiros dionisíacos a iluminar o caminho que conduzirá às montanhas de justiça e bem-aventuranças, dirigindo tíasos cristãos e transformando-os em seguidores da mensagem de Jesus.

Se há sincera pretensão de o movimento espírita ser mais do que um remendo progressista, que não auxilia o processo de transformação da sociedade, mas, ao contrário, sustém a injustiça e a desigualdade sociais, será necessário, com a urgência que a situação atual exige, alinhar-se efetivamente às propostas libertadoras de Jesus, assumindo finalmente o papel proposto pelos espíritos, e engajar-se num projeto pedagógico de cooperação na libertação e na conscientização dos oprimidos, pois apenas esse tipo de ação será capaz de anunciar o Reino entre mulheres e homens e de lutar por sua efetiva implantação.

Não há outro caminho possível, e essa é a mensagem profunda e libertadora de Jesus, para a transformação humana que não seja por meio do trabalho, ao mesmo tempo miúdo e extenso, na luta pela conscientização do oprimido. Não, não há outro caminho, e é apenas nele que os espíritas e suas instituições deveriam atuar como seguidores dessa mensagem, preparando-se da melhor forma para essa tarefa libertadora.

Um espiritismo inosso e inócuo, que se propõe apenas a discutir temas fúteis e comportamentais, não tem valor para a transformação em direção ao Reino. E a construção desse Reino demanda verdadeiros espíritas que se proponham à ação-reflexão para promover a autolibertação e a autoconscientização do povo oprimido, conforme a explícita escolha de Jesus. E isso só será possível com um novo movimento espírita construído a partir do conhecimento de reflexões e práticas acima apresentadas, que mediarão a análise e o agir sobre o mundo contemporâneo. Sem esse conhecimento básico, não será possível, ao espírita renovado, a adequada formação para o servir.

²³ BOFF. *Como trabalhar com o povo e com os excluídos*. p.9.

Há muito a fazer. Há um novo movimento espírita justo e fraterno a ser construído e uma sociedade a ser transformada. À ação, espíritas!

Créditos: a bibliografia

ALVES, Márcio Moreira. *O Cristo do povo*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

AUBERT, Roger. *Cardijn, o apóstolo da juventude trabalhadora: a mensagem da JOC para os jovens do mundo operário*. Coimbra, Portugal: Gráfica de Coimbra, 1999.

BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com o povo e com os excluídos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. *Quarenta anos da teologia da libertação*. Comissão Pastoral da Terra, Goiânia, 11 de ago. de 2011. Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/artigos/751-quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao>>.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DANTAS, Vera Lúcia; LINHARES, Angela Maria Bessa. *Círculos de cultura: problematização da realidade e protagonismo popular*. II Caderno de Educação Popular em Saúde, Brasília, p. 73-76, 2014.

DENIS, Léon. *Socialismo e espiritismo*. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2022.

EURÍPEDES. *Medeia, as bacantes e as troianas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 93. ed. Brasília: FEB, 2019.

LAVIGNE, Eusínio Gaston. *Os espiritualistas perante a paz e o marxismo*. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2022.

MARINHO, Andrea Rodrigues Barbosa. *Círculo de cultura: origem histórica e perspectivas epistemológicas*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.125. 2009.

MARIOTTI, Humberto. *O homem e a sociedade numa nova civilização*. São Paulo: Edicel, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 3. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.